

ΔΝDREY GUAIANÁ  
ZIGNNATTO

GUΔYΔPI

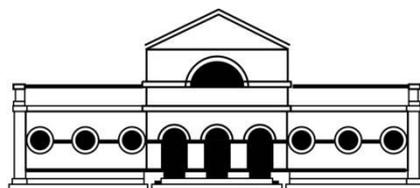
Curadoria

ANDRÉ WELLER

# GUAYAPI

Curadoria | André Weller

Obra comissionada por Rio Innovation Week em Janeiro de 2022



Casa França-Brasil

Quem passa na região do Centro do Rio vê uma Casa França-Brasil ativa e aberta ao público com aquela que é a sua principal vocação: a arte.

E ter em seu espaço uma obra significativa como Guayapi (Queda), de Andrey Guaianá Zignatto, reforça ainda mais o fortalecimento da arte na região.

Esta é mais uma importante ação que acontece em parceria da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro e conta com apoio da Fecomércio/RJ, fundamental em várias ações culturais no território fluminense e que contribuí para que a cultura seja cada vez mais acessível para todos.

Que tenhamos cada vez mais exposições, espaço para artistas renomados e também para que possamos conhecer e vivenciar novas ações culturais que irão marcar nossas vidas.

**Danielle Barros**

Secretária De Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio De Janeiro

A obra *Guayapi (queda)* do artista Andrey Gauïanã Zignnatto é a primeira obra a ocupar a área externa da Casa França Brasil na atual gestão. Corroborando a missão institucional de abrigar e incentivar o acesso à arte e à cultura, em suas múltiplas formas, meios e saberes, temos a oportunidade de oferecer ao público experiências e reflexões a partir de sua relação direta com a obra exposta de um artista descendente das etnias Tupinakyía e Gûarini.

O artista desenvolve sua poética entre a tradição indígena e a vida contemporânea na cidade, incorporando e estabelecendo diálogos entre procedimentos da construção civil onde atuou, e saberes, formas e elementos das culturas indígenas das quais são seu universo ancestral.

Esta obra ficará exposta na Casa França-Brasil por dois anos, em regime de comodato, e esta oportunidade de exposição por um longo período, permite ao público o encontro e reencontro com a obra, aprofundando suas reflexões, criando relações com as demais programações nos demais espaços da Casa.

Convidamos a todos a contemplar, refletir sobre esta obra, buscando também, assim como o artista fez, criar novos sentidos entre arte e vida.

**Tania Queiroz**

Diretora da Casa França-Brasil

O Rio Innovation Week tem a satisfação de poder comissionar a obra “Guayapi”, do artista Andrey Guaïaná Zignatto, para a sua montagem na Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro. Como o mais completo encontro de tecnologia e inovação da América Latina, o Rio Innovation Week assume o compromisso de ajudar a preparar nossa sociedade para o futuro e para os impactos da tecnologia em consonância com as transformações mundiais.

Entendendo a Cultura como agente fundamental para estas transformações, o Rio Innovation Week não mede esforços para contribuir de forma decisiva neste direcionamento. Com este intuito, montou uma programação cultural de excelência em ocasião da sua primeira edição, realizada em janeiro de 2022, levantando meios e recursos para a feitura da obra apresentada, assim como a sua primeira montagem e a transferência para a Casa França-Brasil.

Em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, o Rio Innovation Week acredita que “Guayapi” é uma mostra da força da sinergia entre setores e uma prova contundente de que a cultura precisa ser compartilhada com todos. Com inovação e empreendedorismo tecnológico, o Rio Innovation Week mais uma vez impulsiona a economia criativa do Rio de Janeiro colaborando na transformação do nosso Estado como referência para o mundo.

**Rio Innovation Week**



## ANTES DA QUEDA

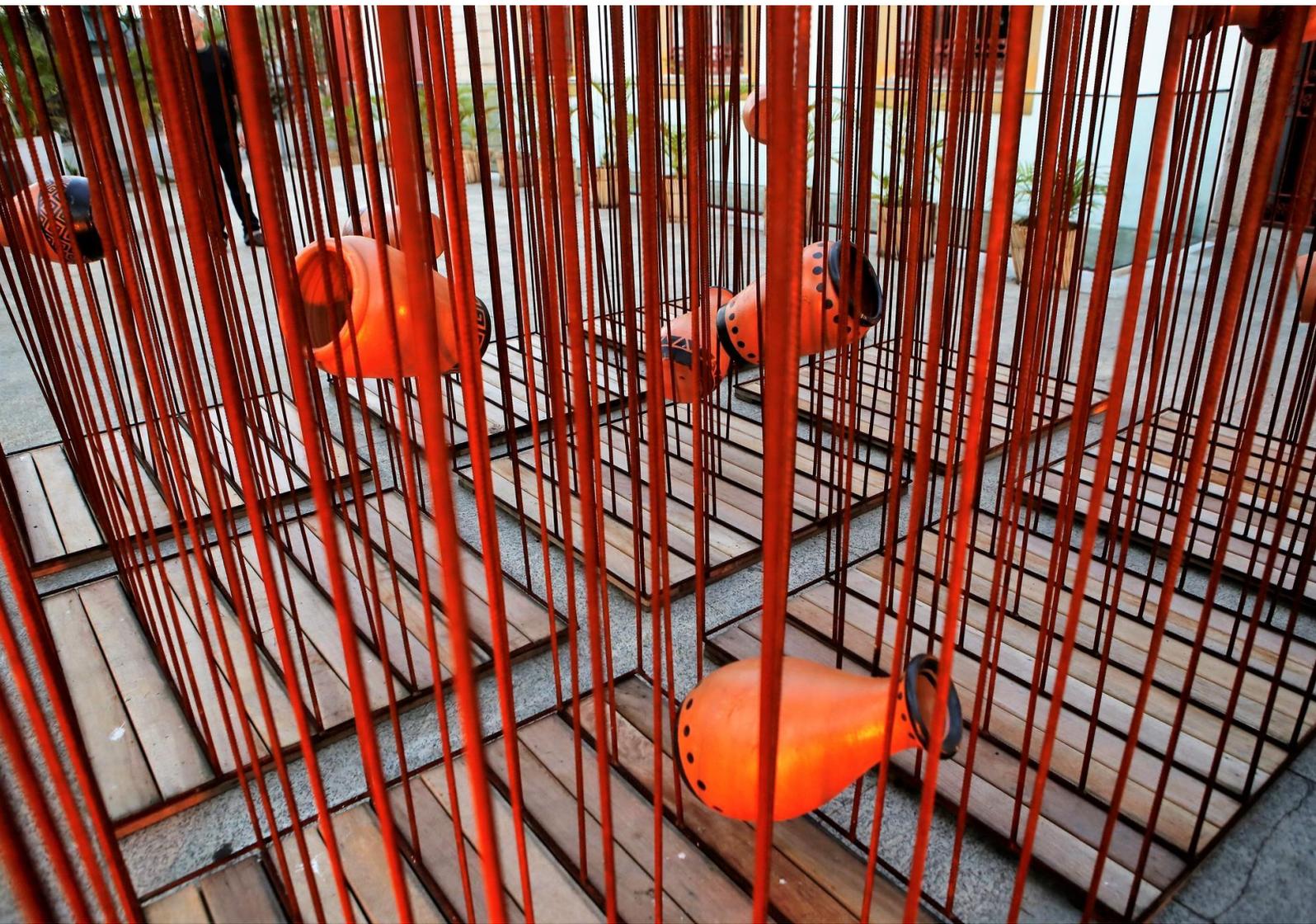
Dez vasos repousam em cima do armário. Na Sala da Administração da Casa França-Brasil, ficam cuidadosamente guardados por meio ano. Quem passasse por lá não imaginaria que foram moldados e queimados na comunidade de Santa Gertrudes, no Estado de São Paulo, rememorando tradições milenares. A equipe da instituição preservou os vasos com zelo e um único medo: a queda. Enquanto isso, nove estruturas formavam um volume de aproximadamente três metros cúbicos num canto do Espaço Educativo do prédio. Adormecido, o emaranhado de vergalhões coberto de ferrugem já se contrapunha à edificação neoclássica do início século XIX encomendada por D. João VI. Uma espera de quase seis meses antes da “Queda”.

O artista Andrey Gauñanã Zignnatto não tem medo da queda. Pelo contrário: eterniza o momento que dá nome à obra instalada na varanda da Casa França-Brasil. Descendente de Tupinakyía e Gûarini, trabalhou como ajudante de pedreiro dos 10 aos 14 anos em sua cidade natal, Jundiaí. Autodidata, mescla reminiscências afetivas e ancestrais como base para o desenvolvimento conceitual e dos métodos na sua produção artística. Elementos da construção civil, como tijolos, sacos de cimento e vergalhões são associados e contrapostos a culturas de origem, instigando e subvertendo nossos sentidos. Coerente com sua busca artística identitária, Andrey indica o título da obra: “Guayapi”, em Tupi, queda. Não faz questão que o título em português esteja presente, nem entre aspas. E assim, descarta mais de cinco séculos de verdades hegemônicas. Com gentileza, pede que corrijam.

Em “Guayapi”, uma malha de vergalhões cria um volume vazado que instiga e fragmenta o entorno. Contrapõe a dureza e simetria das formas num jogo de contrastes, embates épicos. Resistências incandescentes em constantes revoluções. Conflito silencioso num lugar onde supomos as feridas expostas. Iconoclasta, a obra luta incansavelmente contra a gravidade num retrato escultórico, cinético e poético mais do que necessário nos dias atuais. É como se o esforço aparente das peças, abrindo exíguas frestas no espaço mecânico das linhas de vergalhões, fosse um esforço do qual todos nós também devêssemos participar. E por que não?

**André Weller**

Curador



O grande pensador contemporâneo indígena Davi Kopenawa fala sobre um céu que está em situação de queda. Outro tão importante pensador indígena, Ailton Krenak, fala sobre como encontrar meios para adiar o fim do mundo. Ambos discutem nestes pensamentos questões sobre o contínuo processo de extinção dos povos originários e seus universos ancestrais que habitam os territórios hoje conhecidos como continentes americanos.

Mas e quando o céu já foi derrubado, e o mundo já foi extinto, o que fazer?

Eu sou artista descendente por pai dos povos Tupinaky'ia Guaianás que habitaram os territórios onde hoje é chamado São Paulo, etnia indígena que sofreu apagamento total de seu universo ancestral. O que restou deste povo e seu universo são alguns relatos em textos produzidos por seus colonizadores. Por parte de minha mãe, descendo dos Guarani Mby'a, povo que me tem auxiliado num processo pessoal de retomada como *aba* [homem] indígena. Apoiado sobre essas poucas memórias que me sobram como herança, na arte e suas muitas potências, me esforço para desenvolver um processo de reflorestamento do universo ancestral de minha família, onde este esforço se inicia no território de meu próprio pensamento e espírito. A reconstrução desse Tekoa\* toma forma em cada trabalho produzido durante estas pesquisas, e pode se expandir para muitas dimensões durante cada exposição na experiência do contato entre o público com cada trabalho.

E neste mundo onde estas sociedades vivem sob grande tensão, submetidos a violentos processos de sufocamento, quem sabe se os conhecimentos indígenas e sua arte tão ignorados pela sociedade urbana, possam de alguma forma oferecer novas propostas para gerar momentos em que as pessoas encontrem ao menos um lugar para tomar fôlego. Espero que a exposição EMBYRA possa servir como um desses lugares, e compartilhe *anga* [ânimo - alma] com o público que por ela passar.

**Andrey Guaianá Zignatto**

Artista

Agosto de 2021

## **Versão em Guarani M'bya**

*Ojepy'apy tuvijá va'e ayn gua nhandeva'e Davi Kopenawa ijayvu yva ho'a va'e regua. Amboae avi oin va'e Ailton Krenak, ijayvu mba'exa pa yvy nhamomba voi he'yn aguã regua. Mokoi ve ijayvu nhande va'e kuery omomba ovy va'ere regua ha'e gui arandu okanhy va'ere ha'e koropi ikuai tevoiare, ayn jaikuaa continente americano ja'ea.*

*Havy yva ho'a ha'egui yvy opa ramo, mba'e jajapo ta?*

*Xee má xeru tupinaky'ia ikuai raka'e ayn São Paulo, ja'ea rupi nhande Kuery omomba raka'e va'ekue regua ha'e ombogue pa raka'e ikuai ague arandua ha'e javi. Mboapy'i má hembyre raka'e va'ekue má ayn heta va'ekuery rive ma omombe'u xexy pe, xee Mbya kuery gui Ju xeretarã nhande kuery, ha'e Kuery ma ayn xepytyvõ aiko ju aguã xereko ete'i py. Mboapy'i má aikuaa teri Mbya reko Gui ramo jepe anhea'ã ajapo aguã mba'emo Mbya Kuery reko Gui. Ajapo juta tekoa tembiapó rupi araa aguã ha'ejavi ve pe.*

*Há'e aetu nhandeayvu aguã tembiapó nhande kuery arandu rupigua má anheteguaá meme, ayn gua rupi. Há'egui anhete yvyrupa re má heta rupi arandua ikuai ramo jepe há'e javi ve má ojexavai vaipa má, kova'e tetã Guaxu ojepapo aguã ijypy'i ramo ve, EMBYRA ajapo va'e tove tojeporu Porã katu oexá va'e Kuery pé.*

\*TEKOA literalmente, significa *o lugar do modo de ser guarani*, sendo esta categoria *modo de ser (tekó)* entendida como um conjunto de preceitos para a vida, em consonância com os regramentos cosmológicos herdados pelos antigos guaranis.

## **Versão em inglês**

The great contemporary Native Brazilian thinker Davi Kopenawa talks about a falling sky. Another such important Native Brazilian thinker, Ailton Krenak, talks about finding ideas to postpone the end of the world. Both discuss, in these thoughts, questions regarding the continuous process of extermination of autochthonous peoples and their ancestral universes that inhabit the territories known today as the American continent.

But when the sky has already fallen and the world has already been obliterated, what is there to do?

I am an artist and a descendant, on my father's side, of the Tupinaky'ia Guaianá people, an indigenous ethnic group whose ancestral universe has been completely wiped out and who inhabited the territories currently known as São Paulo. What is left of this people and their universe are some accounts found in texts produced by their colonizers. On my mother's side, I am a descendant of the Guarani Mby'a people, who have been helping me on a personal journey of reclaiming my identity as a Native Brazilian *aba* [man]. Based on these few memories that I have left as a legacy, in art and its many potentialities, I have been striving to develop a process of reforestation of my family's ancestral universe, an effort that begins in the territory of my own thoughts and spirit. The reconstruction of this Tekoa\* takes shape in each work produced during these research efforts can be expanded to many dimensions during each exhibition, within the scope of the contact between the audience and each work.

And in this world, where these societies live under great tension, subjected to violent suffocation processes, who knows if Native Brazilian knowledge and art, which have been so often ignored by urban society, can somehow offer new proposals on how to generate moments in which people can find at least a place to catch their breath? I hope that the EMBYRA exhibition can serve as one of those places, and can share some *anga* [animus - soul] with the audiences that visit the exhibition.

**Andrey Guaianá Zignatto**

\*TEKOA literally means *the topos of the Guarani way of being*, this way of being (*tekó*) being understood as a set of precepts for life, in line with the cosmological rules inherited by the ancient Guaranís.



## **Partido Educativo**

*Guayapi*, de Andrey Gauïanã Zignatto

O partido educativo tem como objetivo estimular aproximação e reflexão sobre a obra do artista, sua poética e trajetória. As perguntas aqui colocadas não são um roteiro que busca respostas corretas. Cada visitante é autônomo em sua relação direta com a obra, e quando percebe e reflete, experimenta e cria seus próprios sentidos, no contexto de vida e referências pessoais.

As perguntas funcionam como provocações a professores, educadores e os públicos para despertar trocas e desdobramentos de camadas de significados implícitos, ocultos.

**Observe a obra cuidadosamente, circule em torno dela. O que chama sua atenção? Qual sua sensação? O que acontece na obra?**

**Quais são seus elementos? Como o uso dos materiais - ferro e terra - é deslocado? Para quê são utilizados?**

**Quais destes elementos você poderia dizer que encontramos nas cidades?**

**Quem você acha que produziu os vasos de cerâmica? Você imagina que as pinturas possam ter algum significado?**

**O título da obra está escrito em que língua? Você já ouviu falar nos povos Tupi? Qual a situação dos povos indígenas atualmente?**

**Como o artista se apropria e re-significa elementos da cultura indígena? Qual o sentido do sobrenome “Gauïanã”?**

**Você já parou para refletir sobre a sua ancestralidade e as referências culturais que os diferentes povos e tradições possuem? Como relacionar-se com um ‘outro’ cultural?**

**O título agrega algum sentido a mais à obra?**

Em tempos de sufocação e apagamento dos povos e tradições originárias, a Casa França-Brasil recebe a obra do artista Andrey Gauïanã Zignatto, descendente das etnias Tupinakyía Guaianás, por parte de pai e Guarani Mbyà, por parte de mãe.

A obra Guayapi, “queda” em Tupi, apresenta uma estrutura construída a partir de vergalhões de ferro dispostos verticalmente entre os quais estão inseridos 10 vasos de cerâmica com padrões pintados com pigmento natural oriundo do jenipapo.

A partir da relação entre as hastes de ferro e os vasos, Andrey estabelece delicadas tensões entre a terra e o metal: Queda em suspensão, adiada ou já em curso?

A instabilidade, a iminente possibilidade de queda e destruição dos vasos de cerâmica é o alerta para um perigo.

Será Guaiapi, de Andrey Gauïanã Zignatto uma figura radical de denúncia do Antropoceno, Era do Homem, em que a interferência sobre o ambiente já decidiu a irreversível extinção da própria espécie e com ela a dos povos originários?

Este momento de instabilidade gerada pelo próprio homem principalmente para os povos originários produz cada vez mais impedimentos do exercício de sua liberdade, e o uso de seus próprios territórios.

Essa extrema vulnerabilidade aparece em Guaiapi como um lugar de resistência e continuidade tanto espiritual e simbólica quanto concreta e afirmativa, onde a queda iminente seja semeadura.

\*Semeadura - os grafismos desenhados nos vasos da obra simbolizam a semeadura. Informação fornecida pelo próprio artista.

**Cristina de Pádula**

Coordenadora Artística da Casa França-Brasil



## GUAYAPI

Artista | Andrey Guaianá Zignatto

Curador | André Weller

## SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador | Cláudio Castro

Secretária | Danielle Barros

Chefe de Gabinete | Rômulo Sales

Superintendente de Artes | Taydara Araújo

## CASA FRANÇA-BRASIL

Direção | Tania Queiroz

Coordenação Artística | Cristina de Pádula

Coordenação Administrativa | Rodrigo Leite

Pesquisa e Memória | Luísa Lacerda

Comunicação | Beatriz Santiago

Jurídico | Patricia Meireles

Segurança Patrimonial | Abilio Veiga, Marcos Vinicius Liprince, Jonas Mendonça, Ezequiel Moreira

Operações | Jhonatan Brito, Thailane Wadin, Jorge Nobre, Marcos Carvalho

Manutenção | José Rosa Pires

## CATÁLOGO

Design | Beatriz Santiago, Luísa Lacerda

Fotografia | André Weller Beatriz Santiago, Guilherme , Luísa Lacerda, Rodrigo Leite

Realização

Apoio



Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa



GOVERNO DO ESTADO  
RIO DE JANEIRO

Fecomércio RJ  
CNC Sesc Senac  
Sindicatos | IFec | IFeS

RIO  
INNOVATION  
WEEK